



ESCALA DE DISTINÇÃO FONOLÓGICA: UMA NOVA PROPOSTA PARA A VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA

PHONOLOGYCAL DISTINCTION SCALE: A NEW HIERARCHICAL PROPOSAL FOR PHONIC SALIENCE CONSTRAINT

Raquel Gomes Chaves¹, Glauber Sallaberry Kist²

RESUMO

Neste artigo, fundamentados no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968], LABOV, 1972, 1994), apresentamos uma nova proposta hierárquica para o controle da variável *saliência fônica* em estudos acerca do fenômeno variável de marcação explícita de concordância verbal de terceira pessoa do plural (CVP6). Para isso, partimos da discussão teórica, iniciada por Guy (1981), Nicolau (1984, 1995), Camacho (2013), Chaves (2014) e Vieira, Brandão e Gomes (2015), e nos dados empíricos da Amostra Chaves (2016). Nossos resultados indicaram boa acurácia. Enfatizamos, no entanto, a necessidade de: (i) confirmar a correlação entre o nível de distinção fonológica e a marcação da CVP6 fazendo uso de maior número de dados de diferentes variedades do Português Brasileiro (PB) e (ii) estender a análise da saliência a outras restrições tanto linguísticas como extralinguísticas, haja vista que o princípio não opera exclusivamente no nível fônico.

PALAVRAS-CHAVE: Saliência Fônica. Concordância Verbal de Terceira Pessoa do Plural. Escala de Distinção Fonológica. Teoria da Variação e Mudança Linguística.

1 Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com bolsa financiada pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: quelgchaves@gmail.com.

2 Graduando em Matemática e Mestre em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: glauberkist@gmail.com.

Recebido em: 15/06/2018

Revisado: 10/11/2018

Aceito em: 22/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

ABSTRACT

In this article, based on the theoretical and methodological assumptions of Labovian Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968], LABOV 1972, 1994), we propose a new hierarchical scale in order to control the behavior of *phonic salience* constraint on the variable phenomenon of third-person plural subject/verb agreement. In order to achieve this goal, we were based on a theoretical discussion developed by Guy (1981), Nicolau (1984, 1995), Camacho (2012), Chaves (2014) and Vieira, Brandão and Gomes (2015), and also based on empirical data from Chaves dataset (2016). Our results showed good accuracy. It is important to highlight, however, the need to: (i) confirm the correlation between the level of phonological distinction and the marking of the agreement using a greater number of data from different varieties of Brazilian Portuguese; (ii) extend the saliency analysis to other constraints (linguistic and extralinguistic), taking into account that this principle does not operate exclusively at the phonic level.

KEYWORDS: Phonic Saliency. Third-person plural subject/verb agreement. Proposal of Phonological Distinction Hierarchy. Language Variation and Change Theory.

Introdução

Neste artigo, propomos uma nova escala hierárquica para o controle da variável *saliência fônica* voltada aos estudos acerca do fenômeno variável de marcação explícita de terceira pessoa do plural – doravante marcação explícita de CVP6³ (eles sabem ~ eles sabeØ, eles são ~ eles éØ). Tomamos como ponto de partida a proposta de medição hierárquica de saliência de Naro (1981).

Os objetivos específicos deste artigo são: (i) apresentar, em linhas gerais, a escala de saliência fônica arquitetada por Naro (1981), retomando alguns dos estudos que problematizam a hierarquia proposta para a análise do fenômeno de marcação de CVP6; (b) propor uma nova hierarquia para a medição da *saliência fônica*, a qual denominamos de *escala de distinção fonológica*, e (c) divulgar o comportamento dessa nova escala, fazendo uso dos dados da Amostra Chaves (2016).

Na Seção 1, discutiremos sobre a variável *saliência fônica*, bem como sobre os trabalhos que questionam a atuação do grupo de fatores tal qual configurado por Naro (1981). Na Seção 2, apresentamos nossa proposta, delimitada de *escala de distinção fonológica*, com vistas a dar conta das lacunas da variável, destacadas na seção prévia. Na Seção 3, exibimos os resultados específicos para essa variável nos dados de Chaves (2017)⁴. Por fim, tecemos reflexões finais,

3 Adotamos aqui a nomenclatura de Câmara Jr (2013[1970]) o qual se refere à terceira pessoa do plural como sexta pessoa do discurso (P6).

4 Cabe justificar aqui porque ora mencionamos Chaves (2016), ora mencionamos Chaves (2017). A Amostra Chaves, foi compilada no ano de 2016. No entanto, os resultados relativos à análise dessa amostra foram divulgados apenas em 2017, na tese intitulada “A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação” (CHAVES, 2017). Sendo assim, quando aludimos ao banco de dados, citamos Chaves (2016). Já quando reportamos resultados relativos a esses dados, referimos Chaves (2017).

indicando outros pontos que merecem ser levados em conta em uma versão mais refinada dessa escala.

Hierarquia de Saliência Fônica: apresentação e problematização

Em linhas gerais, a escala de *saliência fônica* é um dos grupos de fatores apontados por uma série de estudos (NARO, 1981; GUY, 1981, VIEIRA, 1997, SCHERRE; NARO, 1998, 2010, MONGUILHOTT, 2001, 2009; SCHERRE, NARO, 2014; OUSHIRO, 2015; 2013, CHAVES, 2017)⁵ como significativos na realização da variante marcada. A hierarquia, tal qual arquitetada por Naro (1981), assume que formas verbais mais salientes tendem a apresentar maiores índices de concordância do que formas verbais menos salientes.

No cômputo da saliência, nessa proposta, as formas verbais plurais são comparadas a suas respectivas contrapartes singulares, levando-se em conta dois aspectos-macro:

(i). distinção acentual: quando a terminação de uma das formas ou de ambas (singular e plural) apresenta acento, maior é o grau de saliência da forma pluralizada;

(ii). distinção de quantidade de material fônico: quanto maior for a quantidade de substância fônica verificável nessa comparação (forma singular/forma plural), maior o nível de saliência.⁶

Assim, verbos que apresentam acento na terminação, em ao menos uma das formas (singular e/ou plural), são, de acordo com essa hierarquia, mais salientes do que aqueles que não apresentam nenhuma das terminações acentuadas. A título de ilustração, o par *lava/lavam* seria menos saliente (o acento tônico não recai sobre a terminação nem da forma singular nem da forma plural) do que o par *falou/falaram* (o acento tônico recai sobre a terminação da forma verbal singular)⁷.

Somado a isso, como já mencionamos, formas verbais que exibem maior diferenciação em termos de material fônico também seriam mais salientes. Por exemplo, a forma verbal no presente do indicativo *com[i]* ao ser comparada a sua contraparte pluralizada *com[ĩ]*, segundo propõe Naro, apresentaria baixíssimo grau de saliência. Isso porque, além de o acento recair, tanto na forma singular como na forma plural, sobre a primeira sílaba da palavra, em termos de material fônico “adicionado” à forma plural, temos apenas a inserção da nasalidade.

5 Muitos são os estudos que descrevem o comportamento variável da marcação explícita de CVP6 em dados do PB. Em virtude disso, fazemos alusão, em nosso texto, a alguns desses trabalhos.

6 Uma revisão extensiva apresentando as propostas de saliência, bem como as críticas sofridas pela escala podem ser encontradas em Chaves (2014).

7 A distinção do par *quer/querem* é considerada, na proposta de Naro (1981), como uma oposição não acentuada. O autor assume essa posição em virtude de a forma singular ser um monossilábico tônico.

A fim de ilustrar o que foi exposto, apresentamos, a seguir, a hierarquia de saliência proposta por Naro (1981).

Nível 1 (não acentuado):

Classe a. [-i/-ĩ]

Classe b. [-a/-ũ]

Classe c. [-Ø/- ĩ]

Nível 2 (acentuado):

Classe a [-á/-áw]

Classe b [-éw/-érũ, -íw/-írũ, -óy/órũ]

Classe c [-ó/-árũ]

Classe d. caso único

Classe e. [-Ø/-érũ, -í/-érũ] (NARO, 1981, p. 75, tradução nossa)

Como podemos vislumbrar, apesar de a variável ser denominada *saliência fônica*, o que nos leva a presumir estarmos diante de um nível, em certa medida, abstrato, há, claramente, nessa proposta, um compromisso do autor com parâmetros fonéticos, haja vista que as terminações, tanto dos verbos no singular quanto dos verbos no plural, são apresentadas, conforme esquema anterior, entre colchetes. Ao analisarmos a *Classe c* do *Nível 2 (acentuado)*, por exemplo, temos a oposição entre *compr[o]* (forma monotongada) e *comprar[õ]* (forma reduzida), e não entre *compro[w]* (forma com ditongo) e *comprar[ẽw]* (forma com ditongo).

Naro, àquela época, investigou a fala de sujeitos em processo de aquisição da escrita, estudantes do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). O autor demarca tendências distintas na marcação fonética da pluralidade em formas verbais de terceira pessoa na comparação da fala de sujeitos com níveis socioeconômicos mais baixos com a fala de sujeitos com grau socioeconômico mais elevado no dialeto carioca. Nas palavras do autor:

Para dar uma visão mais completa dos fatos, listei na Tabela 1 [esquema apresentado, por nós, no Quadro 1] as *principais realizações de superfície* possíveis flexões para a 3ª pessoa, junto com exemplos e glosas. Ambas as representações ortográficas padrão e as formas fonéticas das flexões são indicadas; as últimas são subdivididas em variantes populares e padrão. As variantes populares *tendem* a ocorrer com mais frequência na fala dos níveis socioeconômicos mais baixos, enquanto as variantes padrão são encontradas com *mais frequência* na fala de sujeitos com níveis socioeconômicos mais altos, no rádio e na televisão etc. (NARO, 1981, p. 64, grifos nossos).⁸

⁸ No original: To give a more complete view of the facts, I have listed in Table 1 the major possible surface realizations of the complete inflections for the 3rd person, along with examples and glosses. Both the standard orthographic representations and the phonetic forms of the inflections are indicated;

A tabela, a qual Naro faz referência no excerto anterior, encontra-se exposta, com algumas adaptações, no Quadro 1:

Quadro 1: Esquema das possíveis dimensões da mudança sintática

Classe	Variante popular	Variante padrão
1ª conjugação	[-a] [-ũ, -u, -ã]	[-a] [-ãw̃]
2ª e 3ª conjugação	[-i] [-ĩ]	[-i] [-êỹ]
2ª e 3ª conjugação (-r ou -z)	∅ [-l, -i]	∅ [-êỹ]
Monossílabos	[-a] [-ãw̃]	[-a] [-ãw̃]
Todos os verbos	[-a] [-ũ, -u, -ã]	[-a] [-ãw̃]
Todos os verbos	[-a] [-ãw̃]	[-a] [-ãw̃]
1ª conjugação	[-o] [-arũ, -aru]	[-o, -ow] [-arãw̃]
2ª e 3ª conjugação	[-ew] [-erũ, -eru]	[-ew] [-erãw̃]
2ª e 3ª conjugação	[-iw] [-irũ, -iru]	[-iw] [-irãw̃]
alternância - acentual	[-i]	[érãw̃]
mudança no radical	∅ [-erũ, -eru]	∅ [-erãw̃]

Fonte: Adaptado de Naro (1981, p. 65, tradução nossa)⁹

Sendo assim, a diferenciação fônica foi mensurada em Naro (1981) com base na tendência geral de produção (realização fonética, portanto) do grupo de sujeitos que compuseram sua amostra. A saliência das formas foi medida com base na maior distância possível e verificável entre a forma verbal singular e a forma verbal plural, dentro daquele grupo de indivíduos e, conseqüentemente, dentro daquele conjunto de dados. Em outros termos, poucos foram os dados de, por exemplo, *com[ẽj̃]*, com presença de ditongo nasal, mas muitos foram os dados de *com[ĩ]*. Dessa forma, levou-se em consideração, para o cômputo da saliência, a distância entre *com[ĩ]/com[ĩ]*, e não entre *com[ĩ]* (singular) e *com[ẽj̃]* (plural).

Como vimos, na variedade rotulada de “variante popular” por Naro (1981), exposta no Quadro 1, não se observou, com frequência significativa, nos níveis mais baixos de saliência (*Nível 1a* e *Nível 1b*), formas verbais com terminação em ditongo nasal átono. Desse modo, te-

the latter are further subdivided into popular and standard variants. The popular variants tend to occur more frequently in the speech of the lower socio-economic levels, while the standard variants are found more frequently in the speech of the higher socio-economic levels, on radio and television, etc. (NARO, 1981, p. 64)

⁹ Excluímos de nosso quadro a coluna relativa às representações ortográficas das formas verbais.

mos aqui uma evidência de que a escala não poderia, em tese, ser estendida ao estudo de outras comunidades de fala sem uma ponderação acerca dessa e de outras possíveis especificidades da amostra. Portanto, caso a proposta de Naro (1981) fosse adotada, seria necessário mapear as realizações fonéticas produzidas pelo grupo de informantes investigados antes da etapa de codificação dos dados.

Além desses fatores, o critério fonético, eleito por Naro, problematiza outras questões. Eleger a forma de superfície (forma de *output*) para mensurar a saliência gera uma série de dificuldades à operacionalização da variável. A nosso ver, a questão mais complexa relaciona-se ao fato do mapeamento das formas verbais: caso decidamos mapear foneticamente formas marcadas, precisamos mapear, necessariamente, as formas verbais no singular. No entanto parear uma realização no plural a outra do singular é tarefa complexa, visto que, no fluxo da fala, essas formas não são utilizadas conjuntamente.

Além disso, diante de uma forma como *falaram*, é possível mapear a realização fonética da marca de CV como [ẽw̃], [õ] ou [u]¹⁰. Ao descrevermos a realização fonética da marcação de CVP6 estamos, no entanto, buscando verificar a estratificação dentro das possibilidades da variante marcada. Tal objetivo, entretanto, não se coaduna à proposta de saliência que opõe as variantes marcada e não marcada. Em outros termos, em uma análise, como a proposta por Naro (1981), não opomos *falar*[ẽw̃] a *falar*[u] (duas variantes marcadas), mas sim *falar*[ẽw̃] ou *falar*[u] (variantes marcadas) a *falou* (variante não marcada).

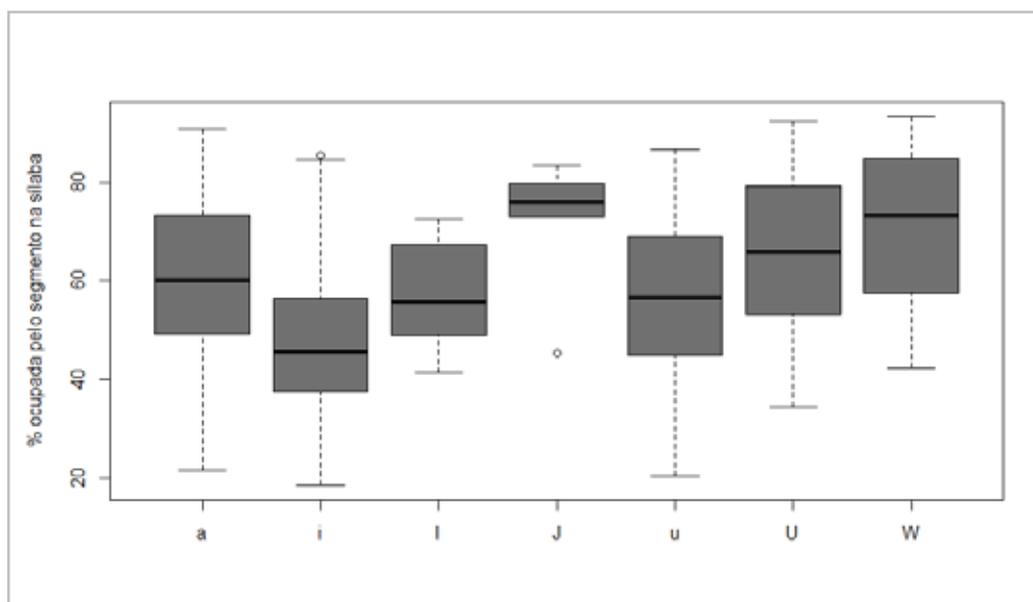
Apesar do que foi problematizado acerca da escala de Naro (1981), a qual é guiada por um critério fonético, a maioria dos estudos acerca do fenômeno variável em questão utiliza o grupo de fatores como uma hierarquia fixa, como se Naro tivesse adotado um critério ortográfico para distinguir os níveis de saliência. Nessa hierarquia, cada forma verbal, independentemente de sua realização superficial, é enquadrada em um determinado nível de saliência.

No que tange ainda às dificuldades impostas por uma análise pautada nas realizações superficiais das marcas de concordância, partindo do que foi posto, caso se tomasse a fonética como parâmetro de análise da saliência, seria pertinente que os estudos não se baseassem apenas na oposição entre variante marcada *versus* variante não marcada (análise binária), mas que computassem também outras realizações fonéticas das formas variantes. No entanto, mesmo que levássemos em consideração a real produção dos falantes, o que configuraria uma análise nada econômica, poderíamos ainda questionar se não seria necessário considerar parâmetros acústicos finos, como, por exemplo, o de duração relativa (DR). As diferentes realizações acústicas dos ditongos, presentes em diversas terminações verbais de P6, foram alvo de investigação do estudo de Chaves (2017), apontando a possível relação entre saliência e DR. A Figura 1

10 Outras podem ser as marcas fonéticas, no entanto, essas são as que, em geral, são apontadas na literatura.

ilustra a DR¹¹ dos ditongos, monotongos nasais e monotongos orais, verificados na fala de oito sujeitos do sexo masculino, componentes da Amostra Chaves¹².

Figura 1: Duração relativa dos segmentos-alvos investigados presentes em formas verbais de terceira pessoa (Legenda: a (monotongo oral [ɐ]), i (monotongo oral [ɪ]), I (monotongo nasal [ĩ]), J(ditongo nasal [ẽ̃]), u (monotongo oral [ʊ]), U (monotongo nasal [ũ]) e W (ditongo nasal [ẽ̃w̃]))



Fonte: Chaves (2017, p. 191)

A DR dos segmentos finais dos verbos que canonicamente terminariam em ditongos nasais (comem – com[ẽ̃], falam – fal[ẽ̃w̃], disse – disser[ẽ̃w̃]) pode ser analisada com base na Figura 1. Observamos que os ditongos (representados na figura por W [ẽ̃w̃] e J [ẽ̃]) apresentam mediana duracional de cerca de 70%. Os monotongos nasais, por seu turno, exibem mediana de cerca de 60%, enquanto que os monotongos orais apresentam mediana de 55%. Levando esses dados em consideração, poderíamos aventar que a duração do ditongo exerce alguma influência na mensuração da saliência.

A DR dos segmentos poderia representar maior quantidade de material fônico, isto é, ditongos seriam mais salientes do que monotongos. No entanto, essa conclusão não se enquadra nos resultados, principalmente nos referentes à fala de sujeitos com baixo grau de instrução. A saliência é descrita como efeito provocado exatamente pela ausência de marcas. Nesse caso, poderíamos afirmar que, quanto mais distante uma produção se encontra de um ditongo nasal, mais saliente ela seria. Diante disso, formular uma escala fonética de saliência, comprometida com parâmetros finos de análise, não é uma tarefa simples. Além disso, essa configuração não garante que a hipótese de Naro, relativa ao critério distinção de material fônico, seja sustentada.

11 Duração relativa refere-se aqui ao percentual ocupado pelo segmento, em valores percentuais, na sílaba-alvo. A DR é calculada da seguinte forma: duração do segmento-alvo (ditongo nasal átono ou forma variante do ditongo nas formas verbais no plural)/duração da sílaba * 100.

12 Amostra Complementar do Banco VARSUL, Agência UFSC.

Frente ao exposto, constatamos a natureza fonética da escala proposta por Naro (1981) e destacamos uma certa inconsistência no uso dessa mesma escala pela maioria dos estudos acerca do fenômeno variável de CVP6. Em geral, lista-se uma série de palavras e busca-se um nível de saliência correspondente àquele determinado item lexical na hierarquia, independente da produção dos sujeitos. De forma ilustrativa, no processo de codificação dos dados, a forma verbal *ganham*, por exemplo, independentemente do fato de a comunidade sob investigação produzir ou não variavelmente ditongos nasais, é enquadrada no *Nível 1b (ganha/ganham)*. Com isso, entretanto, comete-se um equívoco, fato que pode justificar a grande diferença entre resultados encontrados nos trabalhos.

Cabe mencionar que alguns estudos, dentre os quais podemos fazer alusão aos de Guy (1981), Nicolau (1984, 1995), Camacho (2013), Chaves (2014) e Vieira, Brandão e Gomes (2015), já haviam apresentado reflexões teórico-metodológicas acerca da escala de saliência em níveis proposta por Naro (1981). Muitos desses estudos apontavam a necessidade de uma releitura da escala de saliência e/ou elaboração de uma nova escala.

Na seção seguinte, apresentamos a metodologia de construção de uma escala de saliência que toma como base a diferença fonológica entre formas singulares e plurais.

Escala de distinção fonológica: critérios metodológicos

Devido às dificuldades inerentes de uma escala fonética, propomos, portanto, uma *escala de distinção fonológica*. Essa escolha conta com o suporte dos estudos sobre a marcação variável de CVP6. Os trabalhos apontam que a realização da variante marcada de terceira pessoa pode ser realizada com monotongos orais (eles *com[ɪ]*), monotongos nasais (eles *com[ĩ]*) e ditongos nasais (eles *com[ẽj]*) na fala de praticamente todos os sujeitos. Sendo assim, a presente proposta assume que todos os falantes da língua apresentam, em nível subjacente, formas pluralizadas com ditongo nasal, mesmo que esse ditongo se manifeste variavelmente na superfície.

A hierarquia apresentada por nós identifica que a distinção fonológica entre as formas verbais se dá através de unidades oriundas de eventos de inserção, elisão e alteração, além de ser influenciada pela presença ou ausência da tonicidade nas terminações verbais. Esse conjunto de critérios encontra-se listado a seguir. Assim, a comparação entre as formas verbais no singular e no plural apresenta, pelo menos, um ou mais elementos dessa lista de critérios. Dessa maneira, cada verbo pode ser classificado pelo somatório da sua quantidade específica de eventos de distinção (elisão, inserção, tonicidade, entre outros) existentes entre duas formas singular e plural. A lista de categorias de eventos de distinção considerada foi a seguinte:

- a) Presença de acento na terminação da forma singular (*falou/falaram*): quando verificamos acento na terminação da forma verbal singular;
- b) Presença de acento na terminação da forma plural (*está/estão*): quando verificamos

acento na terminação da forma verbal plural;

c) Elisão: quando observamos segmentos elididos ao compararmos a forma singular à forma plural (*morreu/morreram* – nesse caso a vogal ‘u’ é elidida)

d) Inserção: quando observamos a inserção de segmentos ao compararmos a forma singular à forma plural (*ri/riem*)- neste caso há inserção de semivogal /j/)

Observação de novas sílabas na forma pluralizada: quando sílaba(s) distinta(s) da(s) presente(s) nas formas singulares é(são) computadas (*cons.trói/ cons.tro.em*)

Alternância vocálica na forma pluralizada (*disse/disseram*): quando há alternância vocálica na comparação singular/plural, como no exemplo disse/disseram, no qual verificamos alternância na vogal /e/ (disse) para /ɛ/ (disseram).

A contagem de eventos pode ser efetuada em qualquer verbo, definindo um parâmetro chamado “índice de distinção fonológica” (IDF). Por exemplo, o verbo *fala/falam* possui apenas um evento de inserção de semivogal “w”; logo, seu índice de distinção é igual a 1. Contudo, as formas *flui/fluem* contam com: (i) acento na forma singular, (ii) elisão de /i/, (iii) duas inserções dos segmentos /e/ e /j/ e (iv) uma nova sílaba formada (*flui – flu.em*), totalizando IDF igual a 5 (1 + 1 + 2 + 1).

Por hipótese, com essa proposta, esperamos que uma maior quantidade de eventos distintos esteja associada a um aumento na taxa de concordância. Ou seja, é esperada uma maior taxa concordância em *flui/fluem* do que em *fala/falam*, pois esse último teria menor distinção entre suas formas singular e plural. A Tabela 3 mostra outros exemplos de verbos bem como o cálculo de seus respectivos índices de distinção.

Tabela 1: Cômputo do índice de distinção fonológica para os pares *apresenta/apresentam*, *está/estão*, *faz/fazem*, *ri/riem*, *vai/vão* e *veio/vieram*

Tabela de Exemplos						
Forma singular	apresenta	está	faz	ri	vai	veio
Forma plural	apresentam	estão	fazem	riem	vão	vieram
Acento Singular	0	1	0	1	1	1
Acento Plural	0	1	0	0	1	0
Elisão Fonética	0	0	0	0	1	3
Inserção Fonética	1	1	2	2	1	5
Nova Sílaba	0	0	1	1	0	1
Alternância Vocálica	0	1	0	0	1	0
Índice de Distinção	1	4	3	4	5	10

Fonte: Os autores.

É importante observar que cada verbo forma seu IDF derivado de processos particulares. Por exemplo, *está/estão* e *vai/vão* possuem índice de distinção 4. Contudo, eles atingem esse mesmo valor por eventos independentes. Logo, cada nível do índice de distinção será composto

por uma família de verbos que sofrem diferentes processos, mas cujo resultado final é equivalente na escala. Os conjuntos de verbos estão elencados nas tabelas da Seção 4.

Tal concepção possui algumas premissas intrínsecas e sua exposição se faz necessária. A primeira delas é assumir, como já referido, que a fala de todos os indivíduos apresenta, em nível subjacente, algum grau de relação entre as formas dos verbos. É importante ressaltar que assumir essa premissa não significa concluir que a realização superficial dos verbos é moldada pela fonologia, mas, sim, que é possível traçar correlações entre ambas. Desde os primeiros trabalhos que contam com a participação de Naro (LEMLE, NARO, 1976; NARO, LEMLE, 1977; NARO, 1981), existe a concepção de que o grau de alfabetização dos falantes afeta a taxa de concordância e, de fato, a internalização metalinguística de conceitos gramaticais e o contato com a escrita poderiam ter um papel importante nisso.

Outra premissa reside na escolha dos critérios para formar o IDF. Essa escolha se deu de forma a conciliar a relevância das categorias com sua disponibilidade de dados, além da clareza no método de formação do índice de distinção. Alguns possíveis parâmetros relevantes tais como tempo verbal, frequência lexical, entre outros, não foram considerados na análise em função da limitação do tamanho da amostra. Já a inserção da nasalidade não foi considerada como evento de distinção porque tomamos como base a fonologia, e isso resultou na presença permanente do ditongo nasal em todos os verbos, tornando a contagem do traço nasal redundante para a análise.

Em acréscimo, essa proposta oferece liberdade para que o índice de distinção seja formado por critérios recebendo pesos ponderados para cada um deles. Por exemplo, poderíamos atribuir à categoria ‘elisão fonética’ peso ponderado equivalente a três ou qualquer outro valor específico. Especialmente o acento tônico poderia receber atenção fundamental já que é de grande importância na escala de Naro (1981). Logo, tal jogo de pesos entre parâmetros possibilitaria realizar um ajuste fino entre a escala de distinção e a taxa de concordância.¹³ Contudo, escolhemos fazer uma análise qualitativa sem dar ênfase na determinação de pesos e ponderação. Assim, a elisão, a formação de novas sílabas, a alternância e os demais fatores apresentam peso ponderado 1, ou seja, são igualmente importantes. Porém, aqui já se indica essa possibilidade que, inclusive, pode servir de motivação para avaliar quais fatores são relevantes na saliência em diferentes variedades do PB.

Na próxima seção, apresentaremos informações acerca do banco de dados utilizado para o desenvolvimento da escala de distinção fonológica, assim como a correlação entre o grau de distinção fônica e a taxa percentual de aplicação da marcação explícita de CVP6.

13 Estudos tipológicos baseados na área da Morfologia Natural (DRESSLER, 1985) poderia auxiliar na discussão de como tais pesos poderiam ser ponderados. Isso porque, na análise de padrões de formação de plural, em diversas línguas, haveria uma hierarquia em termos de “naturalidade”.

A escala de distinção fonológica: estudo empírico

Realizamos um estudo empírico com base nos dados analisados previamente por Chaves (2017). O uso desse banco de dados tem, como principal finalidade, comparar os resultados da autora para a variável saliência fônica (cf. NARO, 1981) com os resultados da escala de distinção fônica proposta neste artigo.

A amostra

O *corpus* utilizado, neste estudo, é composto pelas entrevistas que constituem a Amostra Chaves (2016), amostra complementar do Banco VARSUL – Agência UFSC. Investigamos os dados de terceira pessoa do plural na fala de 24 indivíduos nativos e residentes da região não urbana da Costa da Lagoa, Florianópolis (SC). Os informantes foram estratificados em (i) sexo, (ii) escolaridade e (iii) faixa etária. O Quadro 2 apresenta a distribuição dos sujeitos nas células.

Quadro 2: Estratificação dos 24 informantes componentes da Amostra Chaves (2016)

Escolaridade Faixa Etária	Sexo	Nível 1 (de zero a seis anos de estudo)	Nível 2 (de sete a doze anos de estudo)	Nível 3 (acima de 12 anos de estudo)
Faixa 1 (de 18 a 30 anos)	Fem.	--	2	--
	Masc.	--	2	4
Faixa 2 (de 31 a 37 anos)	Fem.	--	3	2
	Masc.	1	1	--
Faixa 3 (de 46 a 59 anos)	Fem.	--	2	--
	Masc.	2	--	--
Faixa 4 (de 65 a 80 anos)	Fem.	3	--	--
	Masc.	2	--	--
Valores totais		8	10	6

Apresentação e discussão dos resultados

Neste estudo, observamos o comportamento da variável *distinção fonológica* apenas em termos percentuais. Não realizamos, portanto, uma análise de regressão logística, a qual leva em conta outras variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem contribuir com a ocorrência da variante marcada do fenômeno em estudo¹⁴.

Após atribuirmos um IDF para cada uma das palavras que compõem nosso *corpus* (Cf. Seção 3), agrupamos os itens lexicais em níveis. Sendo assim, todas as palavras que apresentaram índice equivalente a um foram integradas a um grupo, assim como aquelas que apresenta-

14 Não consideramos, neste estudo, a influência do processo de redução da nasalidade, tal qual denunciado por Guy (1981), Schwindt (2015) e Chaves (2017) sobre a não marcação explícita da CVP6.

vam índice igual a quatro foram reunidas em outro.

Nas tabelas consecutivas (Tabela 4 a Tabela 10), apresentamos as palavras que fazem parte do *corpus* investigado a depender do nível de IDF a que pertencem. A presente metodologia não encontrou nenhuma forma verbal com duas alterações. (dois eventos de distinção). Logo, o conjunto de IDF correspondente ao *Nível 2* está vazio. É importante frisar que computamos um total de 1614 observações (tokens) e 284 itens lexicais (types). Dessa forma, as listas exibidas a seguir não concentram em si a possibilidade de itens. Tais listas limitam-se à nossa amostra. Assim sendo, novas palavras podem ser acrescentadas aos níveis postulados.

Tabela 2: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam uma única mudança entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=1)

Nível 1				
acaba(m)	colocava(m)	enfaticava(m)	mandava(m)	sabe(m)
acampava(m)	começa(m)	ensinava(m)	mata(m)	sabia(m)
acha(m)	começava(m)	entende(m)	matava(m)	saia(m)
achava(m)	comia(m)	entra(m)	mora(m)	salta(m)
adora(m)	compra(m)	entrava(m)	morava(m)	segue(m)
adorava(m)	comprava(m)	entrega(m)	mostra(m)	seja(m)
ajuda(m)	conhece(m)	era(m)	nega(m)	senta(m)
anda(m)	conhecesse(m)	escuta(m)	paga(m)	sofre(m)
andava(m)	conhecia(m)	espalha(m)	para(m)	subia(m)
aparece(m)	consegue(m)	espera(m)	participa(m)	tenta(m)
aponta(m)	continua(m)	estava(m)	passa(m)	tinha(m)
aprendia(m)	conversa(m)	estuda(m)	passava(m)	tira(m)
apresenta(m)	convida(m)	estudava(m)	pede(m)	tirava(m)
aproveitava(m)	convive(m)	faça(m)	pega(m)	tivesse(m)
arrastava(m)	costuma(m)	fala(m)	pegava(m)	toca(m)
arruma(m)	critica(m)	falava(m)	pensa(m)	tocava(m)
assalta(m)	cuida(m)	falta(m)	pergunta(m)	toma(m)
assusta(m)	cuidava(m)	faltava(m)	pesca(m)	totaliza(m)
atende(m)	dava(m)	fazia(m)	pescava(m)	trabalha(m)
avisa(m)	deixa(m)	fica(m)	pinta(m)	trabalhava(m)
bebe(m)	deixava(m)	fuma(m)	planeja(m)	trancava(m)
beijava(m)	demora(m)	ganha(m)	pode(m)	tratava(m)
bota(m)	dependia(m)	gosta(m)	poderia(m)	trazia(m)
botava(m)	descarregava(m)	ia(m)	precisa(m)	usa(m)
briga(m)	deve(m)	imita(m)	precisava(m)	usava(m)
brigava(m)	deveria(m)	incentiva(m)	presta(m)	valoriza(m)
brinca(m)	devia(m)	incomoda(m)	pretendia(m)	vela(m)
cabe(m)	diverte(m)	instala(m)	procura(m)	vende(m)
cabia(m)	divide(m)	inventa(m)	puxa(m)	vendia(m)
casa(m)	dizia(m)	junta(m)	puxava(m)	venha(m)
chama(m)	doa(m)	lança(m)	queria(m)	vinha(m)
chamava(m)	dura(m)	lava(m)	recebe(m)	vive(m)
chega(m)	elogia(m)	leva(m)	reclama(m)	vivesse(m)
chegava(m)	emite(m)	levava(m)	respeita(m)	volta(m)
colhia(m)	empresta(m)	liga(m)	reúne(m)	voltava(m)
coloca(m)	encontra(m)	limpa(m)	rouba(m)	

Tabela 3: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam três mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=3)

Nível 3	
trouxe	trouxeram

Tabela 4: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam quatro mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=4)

Nível 4	
dá	dão
diz	dizem
está	estão
faz	fazem
quer	querem
ri	riem
sai	saem
traz	trazem
constrói	constroem

Tabela 5: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam cinco mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=5)

Nível 5	
flui	fluem
constrói	constroem
teve	tiveram
trouxe	trouxeram
vai	vão

Tabela 6: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam seis mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=6)

Nível 6			
abriu	abriram	meteu	meteram
acendeu	ascendiam	mexeu	mexeram
aconteceu	aconteceram	morreu	morreram
acudiu	acudiram	nasceu	nasceram
conheceu	conheceram	pediu	pediram
conseguiu	conseguiram	proibiu	proibiram
construiu	construíram	saiu	saíram
correu	correram	serviu	serviram
creceu	creceram	sugeriu	sugeriram
descobriu	descobriram	surgiu	surgiram
entendeu	entenderam	suspendeu	suspenderam
falecer	faleceram	viu	viram
foi	foram	viveu	viveram
invadiu	invadiram		

Tabela 7: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam sete mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=7)

Nível 7	
deu	deram
fez	fizeram

Tabela 8: Lista das formas verbais observadas na Amostra Chaves (2016) que apresentam oito mudanças entre formas verbais de terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (IDF=8)

Nível 8			
abandonou	abandonaram	formou	formaram
acabou	acabaram	gastou	gastaram
aceitou	aceitaram	incomodou	incomodaram
achou	acharam	indicou	indicaram
adotou	adotaram	isolou	isolaram
ajeitou	ajeitaram	largou	largaram
alugou	alugaram	ligou	ligaram
arrastou	arrastaram	mandou	mandaram
arrecadou	arrecadaram	misturou	misturaram
arrumou	arrumaram	montou	montaram
assaltou	assaltaram	morou	moraram
botou	botaram	mudou	mudaram
buscou	buscaram	namorou	namoraram
cansou	cansaram	parou	pararam
casou	casaram	participou	participaram
chamou	chamaram	passou	passaram
chegou	chegaram	pegou	pegaram
colocou	colocaram	pensou	pensaram
começou	começaram	plantou	plantaram
comprou	compraram	procurou	procuraram
criou	criaram	puxou	puxaram
deixou	deixaram	recepcionou	recepcionaram
desrespeitou	desrespeitaram	recuperou	recuperaram
encaminhou	encaminharam	roubou	roubaram
estabilizou	estabilizaram	semeou	semearam
estudou	estudaram	trabalhou	trabalharam
falou	falaram	vendeu	venderam
faltou	faltaram		
fechou	fecharam		
ficou	ficaram		

Segundo a escala de distinção fonológica, aplicada aos dados na Amostra Chaves (2016), 188 itens lexicais fazem parte do *Nível 1* (Cf. Tabela 4). Já em relação ao *Nível 3*, apenas um

item lexical compõe nosso *corpus*: a palavra *trouxeram* (Cf. Tabela 5). No que diz respeito ao *Nível 4*, computamos nove itens lexicais (Cf. Tabela 6). Em relação ao *Nível 5*, contabilizamos cinco palavras como pertencentes a esse grupo (Cf. Tabela 7). Já o *Nível 6*, conforme mostra a Tabela 8, é composto por 26 vocábulos. O *Nível 7*, por seu turno, é formado exclusivamente pelos pares *deu/deram*, *fez/fizeram* (Cf. Tabela 8). Por fim, pertencem ao *Nível 8*, 57 itens lexicais. Com base na distribuição dos dados levados em conta neste trabalho, podemos observar que há uma maior concentração de itens lexicais nos níveis 1 e 8 (níveis extremos da escala de distinção fonológica).

Além disso, cabe destacar que dois itens lexicais foram excluídos de nossa análise: a forma *vieram*, registrada 26 vezes, a qual corresponderia ao *Nível 10* de distinção fonológica, e a forma *são*, computada 254 vezes, a qual corresponderia ao *Nível 12*¹⁵. A exclusão desses dados se deu em virtude de: (i) ambos serem os únicos componentes dos *níveis 10 e 12*, respectivamente; (ii) o verbo ‘vir’ ser um verbo inacusativo, fato que, como estudos têm atestado (COELHO, 2000; MONGUILHOTT, 2009; MONGUILHOTT; COELHO, 2000, CHAVES, 2017), favorece significativamente a ocorrência da variante não marcada (não marcação da CVP6)¹⁶; (iii) o verbo ‘ser’ é considerado uma forma supletiva¹⁷, ou seja, não há nenhuma regularidade fonológica na oposição entre ‘é/são’. Naro (1981) já nomeava o par *é/são* de caso único.

Como já mencionamos, não encontramos palavras situadas no *Nível 2*, visto que, quando comparamos uma forma verbal de terceira pessoa do plural a sua contraparte no singular, ou verificamos uma alteração no vocábulo (*cabe/cabem*) – presença de ditongo, o que corresponde ao *Nível 1* – ou três distinções *disse/disseram* – alteração da vogal da raiz /e/ > /ɛ/, inclusão de semivogal /w/ para formação do ditongo nasal e criação de uma nova sílaba. No entanto, tal fato não nos permite concluir que não exista no léxico do português itens que possam ser enquadrados nessa categoria.

Em seguida, após agruparmos os itens lexicais, associamos cada um dos níveis de distinção fonológica ao índice percentual de marcação explícita de CVP6 em nossos dados. Os resultados encontram-se dispostos na Tabela 11 e Gráfico 1 a seguir:

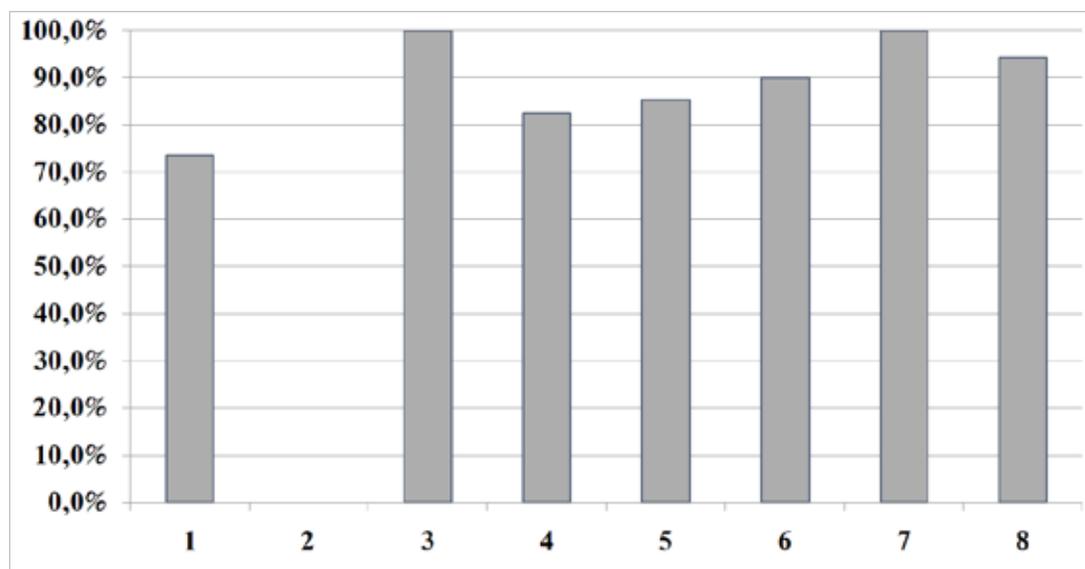
15 Não encontramos nenhum item lexical com IDF equivalente a 11.

16 Não excluimos todos os verbos inacusativos de nossa amostra. Optamos pela exclusão apenas do nível de distinção (*Nível 10*) por ele ser composto exclusivamente por esse item lexical. É adequado, no entanto, levar todos esses dados em conta e realizar uma análise de regressão logística, já que há, na amostra, em outros níveis, verbos inacusativos.

17 Conforme Bauer (2004, p. 98), “Suppletion is the name given to a situation where etymologically unrelated forms are used in the paradigm of the same lexeme. For example, *went*, now the past tense of *GO*, was once a form of *wend*.”

Tabela 9: Resultados relativos à escala de distinção fonológica – Amostra Chaves (2016)

Nível	Aplicação de CV/Total	Concordância
1	545/741	73,5%
2	0/0	-
3	1/1	100%
4	137/166	82,5%
5	99/116	85,3%
6	100/111	90,1%
7	39/39	100%
8	151/160	94,4%

Gráfico 1: Resultados percentuais relativos à aplicação de marcação explícita de CVP6 em função da variável *escala de distinção fonológica*

Fonte: Os autores.

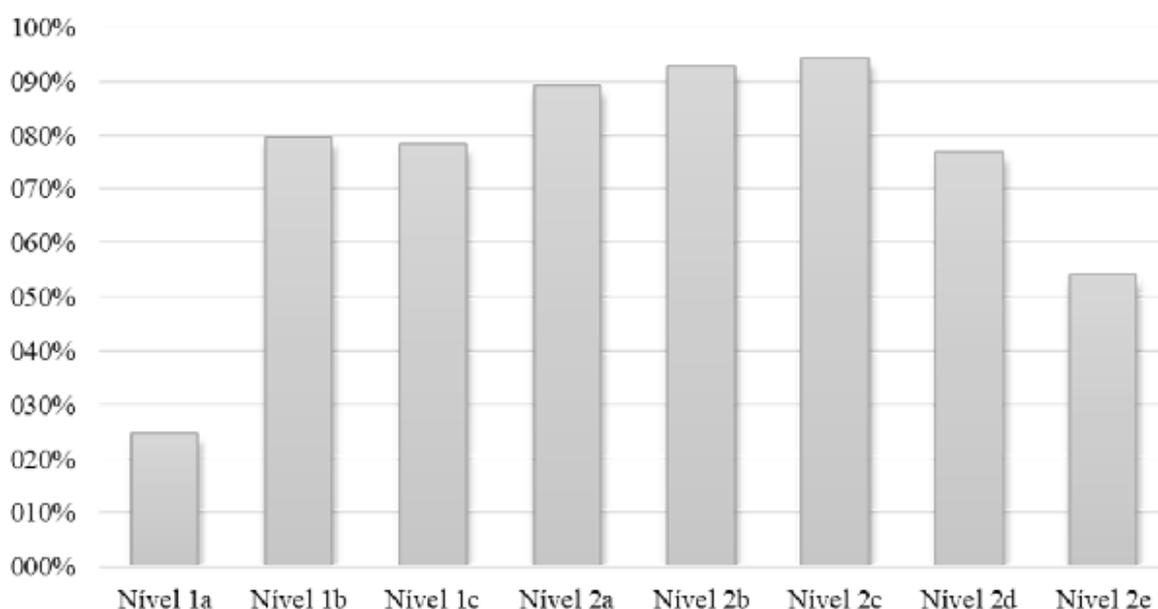
Conforme podemos observar, há um aumento da taxa de marcação explícita de CVP6, se considerarmos os níveis 1, 4, 5, 6 e 8 de nossa escala de distinção fonológica. Apesar de o índice percentual de concordância ser categórico (100%) nos níveis 3 e 7, tal fato não compromete a correlação positiva verificada entre marcação de CV e nível de distinção fonológica. Isso porque temos apenas um *type* no Nível 3 (trouxeram) e dois no *Nível 7*. Além disso, o espaço amostral foi de apenas uma realização no Nível 3 e 39 realizações no Nível 7 (*deram* e *fizeram*), ou seja, uma amostra estatisticamente pequena comparada com o universo de 1614 tokens e 284 *types*.

Podemos comparar nossos resultados aos encontrados por Chaves (2017), provenientes de investigação do fenômeno de variável de marcação de CVP6, fazendo uso da escala de Naro (1981). A Tabela 12 e o Gráfico 2 consecutivos apresentam os valores relativos à aplicação do fenômeno de CV de acordo com os níveis postulados por Naro (1981).

Tabela 10: Resultados relativos à ação da variável saliência fônica (NARO, 1981) sobre a marcação explícita de CVP6 – Amostra Chaves (2016)

Nível	Aplicação de CV/ Total	Concordância
Nível 1a	24/97	24,7%
Nível 1b	425/659	79,7%
Nível 1c	58/74	78,4%
Nível 2a	164/183	89,3%
Nível 2b	116/125	92,8%
Nível 2c	149/158	94,3%
Nível 2d	194/252	77%
Nível 2e	53/63	54,1%

Fonte: Adaptado de Chaves (2017)

Gráfico 2: Resultados percentuais relativos à aplicação de marcação explícita de CVP6 em função da variável *saliência fônica*

Ao compararmos os resultados da *escala de distinção fonológica* aos da *escala de saliência fônica* em níveis proposta por Naro (1981), podemos verificar maior acurácia de nossa proposta. É importante frisar que não arquitetamos a *escala de distinção fonológica* utilizando critérios intrínsecos a nosso *corpus*. De fato, ela foi concebida e guiada por princípios gerais simples de contagem de alterações distintivas entre as formas singulares e plurais. A correlação positiva entre os níveis de IDF e a taxa de concordância foi uma consequência sem quaisquer tratativas de ajustes, ainda que o método forneça essa possibilidade como exposto na Seção 2, ponderando quais critérios são mais relevantes e/ou redefinindo os verbos presentes em cada um dos níveis de distinção fonológica.

A generalidade do método nos leva a acreditar que o uso da escala possa ser estendido a outras análises. Isso se deve especialmente porque não nos pautamos na realização fonética dos sujeitos para estipular os níveis de saliência. Logo, sendo definidos os critérios de distinção,

cada verbo já estaria *a priori* enquadrado em um nível fixo da escala. Isso facilitaria a comparação entre estudos de diferentes comunidades e auxiliaria na validação de hipóteses cognitivas relacionadas à saliência, conforme defendem Scherre e Naro (2010).

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma nova proposta para a variável *saliência fônica*, denominada por nós de *escala de distinção fonológica*. A nova hierarquia se fundamenta em eventos de distinção fonológicos entre as formas verbais de terceira pessoa no singular e no plural. A escolha por parâmetros fonológicos, a nosso ver, é ponto crucial que distingue esta escala da de Naro (1981), a qual se pauta em critérios fonéticos.

O índice distinção fonológica (IDH), critério basilar de nossa proposta, apresenta boa acurácia, quando aplicado aos nossos dados. Contudo, é pertinente atribuir pesos aos critérios eleitos, a fim de aprimorar nossa hierarquia. Além disso, julgamos de suma importância verificar se essa correlação, verificada neste trabalho, se aplica aos estudos de outras variedades do PB. Há muitos estudos nos quais a escala de Naro (1981) apresenta os resultados esperados. Dessa forma, estudos comparativos, como o que apresentamos, também seriam de grande relevância para essa discussão.

Referências

BAUER, Laurie. *A glossary of morphology*. Washington: Georgetown University Press, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMARA JR., Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013 [1970].

COELHO, Izete Lehmkuhl. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2000.

CHAVES, Raquel Gomes. *Princípio de saliência fônica: isso não soa bem*. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2014.

_____. *A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

DRESSLER, Wolfgang. *Typological aspects of Natural Morphology*. *Wiener Linguistische Gazette*, 1985.

GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Tese (Doutorado em Linguística). University of Pennsylvania, 1981.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Editores) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. [S.l.]: Blackwell, 1994.

LEMLE, Miriam; NARO, Antony Julius. Competências Básicas do Português. *Relatório Final apresentado às instituições Fundação FORD e Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)*, 1977.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2001. 99 p.

_____. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

_____; COELHO, Izete Lehmkuhl. Sujeito: entre a ordem e a concordância. *Revista Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 8, 2011, p. 307-328.

NARO, Anthony Julius; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: Steever, Sandord B. et al (Eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago Linguistic Society, p. 221-241, 1976.

_____. The social and structural dimensions of a syntactic change. *LSA, Language*, v. 57, p. 63 - 98, 1981.

_____; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A Ausência de Concordância Verbal em Português: uma abordagem sociolinguística*. 1984. 196fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984. _____.

_____. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano IV, n. 3, v. 2, p. 41-67, 1995.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. NARO, Antony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

_____. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLICA, Maria Cecília de Guimarães Mollica. *Usos da linguagem e sua relação*

com a mente humana. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

_____. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, n. 26, p. 331–357, 2014.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Um *output*, dois processos. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 551–568, 2015.

VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia Figueiredo; GOMES, Danielle Kely. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, Silvia (Org.). *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*, v. 2, n. 1, p. 115–133, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].